


Lições aprendidas

Educomunicação





Com base nas experiências relatadas na sessão anterior, foram sistematizados os principais aprendizados gerados com a prática das organizações. Também foram identificados os princípios norteadores das ações realizadas no projeto.

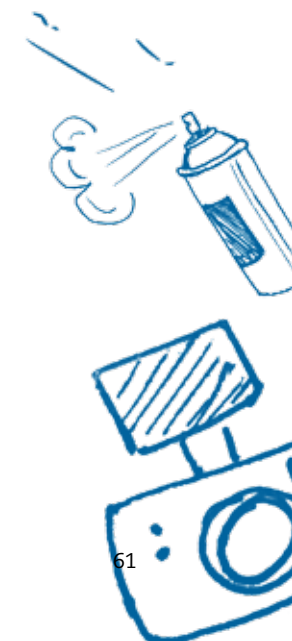
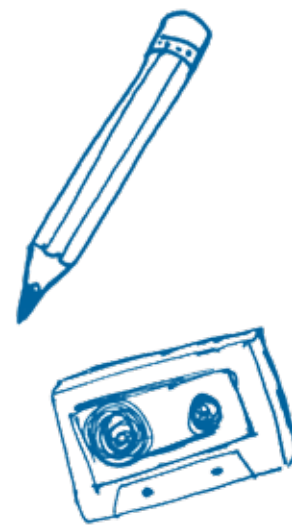
O projeto foi estruturado sob onze princípios fundamentais:

- **Integralidade** – favorecer o desenvolvimento integral dos alunos
- **Observação crítica e experimentação** – desenvolvimento da capacidade de análise
- **Qualidade** – produtos refletem a qualidade do processo formativo oferecido
- **Interatividade** – co-autoria entre professores e alunos nas ações e peças feitas
- **Inclusão** – valorização da diversidade e desenvolvimento das habilidades
- **Motivação** – capacidade de atração exercida pela mídia e as novas tecnologias
- **Afetividade e cooperação** – caráter coletivo e participativo de todo o processo
- **Criatividade** – desafio de pensar, pesquisar e construir o novo
- **Participação** – conquista das opiniões e espaços para propor, interferir, avaliar
- **Contextualização e sentido** – conteúdos inseridos no contexto escolar e de vida
- **Intencionalidade** – ações e produtos capazes de mobilizar a comunidade escolar

Algumas circunstâncias foram essenciais para iniciar e garantir a continuidade dos processos de educomunicação:

Criação de rotina Para os adolescentes, foi imprescindível a existência da rotina, porque embora eles estivessem neste momento de suas vidas em busca de novidades, eles também aderiram a algo que lhes deu suporte, ampliou seus horizontes e repertório educativo e cultural. Sem a rotina, ficaria difícil para os jovens se vincularem. A rotina traz uma referência no tempo e permite que as pessoas possam se organizar para participar e desenvolver juntos planejamentos, estratégias e convivência. A rotina não foi sinônimo de monotonia, mas de uma organização do tempo em prol das coisas que necessitavam de cuidado para crescerem e aprofundarem-se.

Educomunicadores de referência Um educador de referência para as formações foi muito importante no desenvolvimento do projeto. Foi no cultivo diário da relação entre educador e adolescentes que se criou um campo de confiança entre ambos. O educador de referência teve a possibilidade de cuidar mais integralmente da turma, passando a conhecer de forma mais individualizada os adolescentes. Os objetivos do projeto, por terem certa complexidade e profundidade, não poderiam ter sido trabalhados em poucas oficinas ou com um educador a cada hora.



Temas geradores Um projeto de educomunicação não trata apenas de instrumentalizar tecnicamente os adolescentes com ferramentas de comunicação. Há junto a isso um cuidado de debater temas que serão base para produção de peças educacionais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a comunidade, a transformação individual e social. Isso demanda um bom investimento em relações humanas.

Interlocutor de referência Ter no local onde acontecem as formações uma pessoa que compreende e apóia o projeto e tem disponibilidade para acompanhar ações, fazer alguns contatos e mobilizações foi essencial para que o projeto acontecesse. O interlocutor de referência assumiu um diálogo com a gestão da escola e as pessoas da comunidade, cuidou do agendamento para uso de salas, e do diálogo com a coordenação do projeto, apresentando contextos e realidades da escola.

Ponto de encontro Por mais que seu alcance se dê em diversos pontos da comunidade, foi importante ter um lugar de apoio, onde se pode fazer reuniões e conduzir formações. A sala para formação deve ser, preferencialmente, sempre a mesma, com mesas, cadeiras, e, idealmente, com internet e lugar para guardar materiais e equipamentos.

Ações continuadas A oportunidade de criar um processo de educomunicação com formações no mesmo território que se pretende transformar é muito importante. Além disso, abre-se a possibilidade de realmente experimentar junto com a comunidade etapas essenciais de qualquer projeto como: planejamento, reajustes, pesquisa, mobilização, produção, ação e avaliação. Uma presença mais contínua permitiu que as pessoas (adolescentes e adultos) fossem aos poucos também conhecendo melhor os propositores e criando juntos os próximos passos.

Alguns significados e etapas da educomunicação foram identificados como elementos-chave do processo de desenvolvimento das ações do projeto, como:

A educomunicação como um processo pedagógico que fortalece a cidadania, possibilitando aos educandos o exercício do direito à comunicação e, ao mesmo tempo, como um processo gerador de conhecimento pelo qual uma ação gera uma reflexão e vice-versa, por meio da participação e liderança dos educandos em ações educacionais comunitárias.

- I. Mobilização;
- II. Produção de Conhecimento;
- III. Capacitação e Produção;
- IV. Articulação e Parcerias;
- V. Avaliação e Monitoramento.

É importante ressaltar que os passos descritos a seguir não precisam acontecer necessariamente em sequência temporal, mas o educador deve compreender estas etapas como *dimensões* a serem trabalhadas, lugares a serem

significados e, que articulados, constituem possibilidades de organização do processo de construção da educomunicação. Vale ressaltar ainda que o trabalho de educomunicação com adolescentes deve retomar constantemente a etapa anterior, por tratar-se de um momento de muitas transformações e descobertas em que o educando pode constantemente se desvincular de situações para descobrir outras.

I. Mobilização:

Desenvolver um trabalho de educomunicação em escolas públicas é uma missão que requer o envolvimento da escola como um todo (professores, gestores e alunos) e que tem nas famílias uma base de apoio aos adolescentes envolvidos. Sem esse suporte, seria inviável a participação dos jovens no desenvolvimento do projeto e os processos comunicativos na escola e comunidade não teriam abrangência.

O que nós podemos juntos?

É a pergunta norteadora da etapa de mobilização, em que se busca inicialmente criar entre os adolescentes comunicadores uma identidade de grupo.

Para que as ações de mobilização tenham adesão na escola e comunidade, é importante que se crie um contexto favorável, em que se pode contar com a confiança e colaboração dos participantes adolescentes e adultos do ambiente escolar.

Ações de mobilização são iniciativas que acontecem por um período determinado e possuem diversas frentes de trabalho e participação. Pessoas diferentes da escola e da comunidade podem colaborar em graus distintos, conforme sua disponibilidade.

Com o objetivo de mobilizar e articular lideranças comunitárias para aproximação da comunidade e escolas públicas são necessários: encontros para sensibilização na metodologia da Educação pela Comunicação; apresentação da proposta pedagógica do projeto nas escolas e suas comunidades; assim como apresentação dos resultados e avaliação dos processos.

De qualquer forma, para um âmbito mais localizado (escola e comunidade) e prevendo um público mais circunscrito, o principal é articular o grupo de adolescentes, seguido de comunidade escolar, lideranças comunitárias, famílias mais próximas dos adolescentes e outras pessoas da comunidade.

Antes de iniciar o trabalho de educomunicação, é necessário mobilizar um grupo com o qual se vai trabalhar. Neste grupo, os primeiros laços são criados entre os adolescentes que passam a frequentar as atividades de formação. É absolutamente estratégico que estes adolescentes se vejam como um coletivo. O entendimento das diversas dimensões do projeto pode ser trabalhado a longo prazo. Entretanto, se não existe um núcleo mínimo que se identifique como grupo e valorize o

projeto, a ideia de uma construção coletiva fica prejudicada. Uma das maneiras para formar um grupo que compreende e constrói junto o processo é sempre deixar claro para adolescentes e qualquer participante quais são os objetivos do projeto, chamando todos para delinearem seus papéis nas iniciativas. Essa “apresentação” deve ser constantemente revisada. A cada reunião de formação, o educador também deve dizer qual é o objetivo específico daquele encontro. Isso alinha as expectativas da turma e proporciona um saber sobre a importância do processo para conhecer e transformar.

Aqui também se deve marcar a riqueza de compartilhar com os educandos o processo proposto. Esse compartilhar garante transparência no processo. Ao entender o percurso do qual participam, os adolescentes podem desenvolver o senso crítico, a responsabilidade, transformando-se também em propositores. Eles também aprenderão a agir em parceria com outras pessoas e instituições da comunidade, constituindo, desta forma, um coletivo.

O coletivo vai se formando a partir das ações. O número de pessoas participantes é flutuante e é possível diferentes graus de envolvimento e contribuição, desde que cada um deixe claro seu papel e compromisso, o que também se modifica no processo.

Aqui vale desde uma pessoa que pode trazer um lanche para uma atividade comunitária, até alguém que pode acompanhar as formações com os adolescentes ou usar seu carro de som para fazer a divulgação de campanhas.

A ideia é que o maior número de pessoas participe não apenas no dia da ação, no caso de um evento, mas que possam se envolver ao longo de todo processo, contribuindo com o conceito do programa, seu planejamento, pesquisa, produção, divulgação etc.

Deve-se compreender a importância do envolvimento das diversas redes sociais das quais os meninos e meninas que compõem o projeto fazem parte. Os diferentes saberes devem ser respeitados e toda forma de participação nessas redes, incentivadas, sejam elas associações de moradores, ONGs, grupos de igrejas etc

É na elaboração conjunta entre os agentes que se cria o terreno para que o projeto tenha sustentabilidade, pois seus diversos agentes aprendem como planejar, mobilizar, executar, avaliar, ganhando responsabilidade e autonomia. Neste sentido, é importante que as expectativas não excedam àquilo que a comunidade dá conta, segundo suas condições de tempo, trabalho voluntário e compreensão da proposta em curso. Por isso, ao longo do processo, são feitos diversos ajustes.

O lançamento de uma ação de mobilização serve de pretexto para o trabalho semanal de formação junto aos adolescentes, dotando o projeto de um caráter menos pontual do que apenas oficinas de educomunicação. Por fazerem parte das estratégias de uma ação de mobilização, as formações semanais ganham um

fio lógico inerente ao processo educacional, em que o aprendizado é feito a partir de necessidades e contextos reais de uma comunidade, ganhando sentido e propósito para os educandos.

Os produtos de uma ação de mobilização não são apenas resultados de um processo educativo, mas sim peças fundamentais em atividades na escola e comunidade. Essas ferramentas garantem que a necessidade de se elaborar produtos de comunicação de qualidade não seja simplesmente pelo valor da nota, mas porque os colegas e vizinhos poderão usá-los para melhorar suas vidas e refletirem sobre alguma questão.

Além de formações junto a um grupo de adolescentes comunicadores, para qualquer ação de mobilização é necessário também atuar junto a outros agentes da escola e da comunidade. Essa mobilização pode ser feita pelos adolescentes comunicadores conforme eles conheçam e criem elos com lideranças locais. Muitas vezes, é imprescindível que coordenação e educadores do projeto também conversem e conquistem outros públicos.

O objetivo das peças de comunicação produzidas durante a formação também deve ser o de gerar mobilização social, sendo os integrantes do projeto incentivados a divulgar a produção em suas organizações comunitárias e também a convidar a sua comunidade a participar das discussões e mostras realizadas no espaço escolar.

Mobilização de crianças e adolescentes

(que fazem ou não fazem parte do grupo de comunicadores)

Esta mobilização pode acontecer por meio de muitas conversas informais, reuniões e circulação de materiais de comunicação. A primeira etapa serve para dar um conhecimento geral sobre comunicação e despertar o desejo de participar.

Elementos que fazem a diferença:

- Possibilidade de acesso às informações relacionadas aos Direitos (conhecimento e defesa);
- Uso das tecnologias da comunicação e informação;
- Atividades lúdicas, interativas e atrativas;
- Apresentação da proposta de forma democrática. Não utilizar critérios para seleção dos adolescentes. O interesse deve ser um item utilizado pela equipe para mobilizar os adolescentes.
 - Para mobilizar os alunos na escola, a melhor forma é ir de sala em sala, convidando-os para participar de uma Oficina de Seleção. Nesse caso, é importante que os professores e diretores da escola reforcem o convite.
 - É muito importante que a escolha de participar ou não seja feita pelos adolescentes nesse processo;
- Ir de encontro às demandas dos jovens é também um elemento mobilizador;

- Incluir os adolescentes no processo de definição de temas;
- Explorar atividades que mais contribuem para mobilizar alunos como rádio ao vivo;
- Reconhecimento dos educadores em relação ao empenho, aos resultados, à participação dos adolescentes nas oficinas e produtos.

Mobilização da comunidade dentro e fora da escola

Para além da comunidade escolar, a mobilização comunitária pode envolver rádios comunitárias e outros instrumentos como jornais de bairro, *fanzines*, cartazes, panfletos, jornal mural ou varal, painéis, sistema de som, rádio-poste. Essas são algumas soluções criativas, com baixo custo e resultados positivos na mobilização social. O material produzido pela comunidade pode ser veiculado nas próprias mídias comunitárias ou ser disponibilizado para veiculação em mídias comerciais que atuam na região. É importante aproveitar todos os espaços comunitários, como praças, feiras, igrejas, clubes, entre outros.

Elementos que fazem a diferença:

Famílias: eventos, confraternizações, sorteios, mostra de produtos e trabalhos realizados pelos adolescentes. A energia dos educadores mobiliza as famílias e promove o reconhecimento do potencial dos filhos. As famílias devem ser convidadas para atividades diferenciadas. O projeto como espaço de apoio às famílias no processo de desenvolvimento dos adolescentes. À medida que as famílias são mobilizadas, a comunidade começa a fazer parte do processo.

Professores: projetos coletivos, material de apoio, material pedagógico. Comunicações por e-mail e via jornal mural. Os próprios adolescentes podem trazer informações sobre o projeto junto aos professores.

Criar espaços abertos à participação da comunidade, que conta com os educandos e educadores em sua realização, como Cineclubes para exibição e debate de filmes, vídeos e mostras interativas para exibição de outros produtos audiovisuais, de preferência como resultado do trabalho de produção do projeto.

Dando continuidade às ações de mobilização, podem ser realizadas oficinas para identificar temas de interesse da comunidade escolar para a produção de materiais de comunicação. Veja na sessão a seguir como trabalhar com temas geradores que serão a base para o processo educativo da comunicação.

II. Produção de conhecimento:

A educomunicação é uma experiência de conhecimento que pressupõe um trabalho de comunicação voltado para o outro e para a comunidade, mas que parte sempre de um trabalho contínuo de autoconhecimento, ou melhor, autocriação e transformação. Isso vale para os educandos, educadores e qualquer outra pessoa envolvida no processo.

Por isso, ações de educomunicação devem transformar a escola e a comunidade, mas também criar simultaneamente um efeito nos indivíduos e em sua subjetividade (forma de existir). É a ampliação do espaço interno que garante que cada um terá autonomia para refletir, colocar-se no lugar do outro, cuidando de sua privacidade e compreendendo seu papel como sujeito transformador.

Ao aprimorar o conhecimento de si, os educandos estão mais abertos e receptivos para pensar no outro. Quem é o outro? Qual é o meu espaço e o espaço do outro? Como posso me relacionar com o outro? Quais são as diferentes formas de relacionamento? Qual é a importância do acordo? O que é cooperação, solidariedade, respeito? Por isso, desenvolver atividades que respondam a tais questionamentos dá aos educandos o repertório necessário para compreender que todos têm direitos e deveres.

Para preparar o trabalho com o tema “direito”, por exemplo, é importante significá-lo de forma concreta, lançando a pergunta: “o que os direitos têm a ver comigo?”. Para começar a responder essa pergunta é preciso retroceder ainda mais e perguntar: “quem sou eu?” Ao criar este percurso, o educando tem condições de fazer a conexão entre sua vida, a história da humanidade e a “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, por exemplo.

É oportuno introduzir nesta etapa os direitos humanos e seus documentos, pois há contexto para tal associação do micro (relações entre os adolescentes) e o macro (que abrange outras instâncias de diálogo e participação, como o governo, secretarias etc). Ou seja, os direitos como fruto da sociedade, do viver junto, precisam se revelar na construção diária, que depende de um exercício complexo, que pode envolver, fora acordos e compromissos selados, a necessidade de perdoar, recomeçar, repactuar, trabalhar o consenso, a tolerância, entre outros aspectos. As atividades devem buscar, simultaneamente, apresentar esses documentos, relacioná-los com a realidade local e incentivar os adolescentes a serem agentes de divulgação e efetivação desses direitos.”

O processo de definição de conteúdos ligados à participação dos alunos na escola, a discussão sobre direitos e outros temas de interesse comum a serem abordados deve acontecer de forma colaborativa entre educadores e educandos, e envolver temas transversais previstos no projeto pedagógico das escolas.

O educador deverá estar sempre atento às manifestações dos adolescentes, aos temas transversais que surgem durante os debates e durante a convivência do grupo. Muitas vezes, é necessário abrir um espaço no planejamento pedagógico para discutir um tema que surgiu. Quando o educador cria esses momentos, o elo e o sentido do projeto são clareados para todos, pois é importante criar um equilíbrio entre o tempo do projeto e do planejamento e o tempo e forma de aprendizado dos adolescentes. Além disso, essa atividade “extracurricular” proporciona aos adolescentes um espaço de escuta que é bastante raro na dinâmica cotidiana da escola e da família.

Por conta dos diferentes perfis, os conteúdos são abordados de maneira diferente entre os grupos. Ao longo de reflexões provocadas durante oficinas temáticas realizadas, essas experimentações são alinhavadas e costuradas, dando vida a pequenos textos, desenhos, colagens, quadrinhos e que posteriormente em uma próxima etapa se transformarão em ricos conteúdos para produção de peças de comunicação.

A formação sobre os temas geradores é, portanto, a ativação de um ou mais temas para dar conteúdo base para o desenvolvimento das atividades de educomunicação nas etapas de capacitação e produção. Esta formação mais geral pode acontecer de diversas formas: rodas de conversa, trabalho com textos, vídeos, fotos e outros materiais que podem incitar debates e reflexões.

Alguns exemplos de temas geradores são: Identidade, Formação de Grupo, Sexualidade, Relação Família-Escola-Comunidade, Educação pela Comunicação, Tecnologias da Informação e da Comunicação, Participação e Direitos da Criança e do Adolescente. Veja a seguir aprendizados e resultados da abordagem de alguns temas geradores no projeto:

Conhecimento dos direitos de cidadania

É preciso tentar conectar os direitos de cidadania e sua eventual ou sistemática violação com a rotina de vida dos participantes. Discutir o tema a partir das dúvidas e demandas apresentadas pelos adolescentes nas discussões da oficina. Foi realizado, por exemplo, o exercício “mala dos direitos”, em que uma mala cheia de objetos é apresentada a cada estudante, que escolhe algo de dentro dela para contar uma história; a partir dessas histórias são desenvolvidos debates sobre os direitos fundamentais previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Embora todas as escolas possuíssem o ECA em suas bibliotecas, foi nas oficinas que os meninos e meninas tiveram o primeiro contato com o Estatuto. Para a maioria, foi uma surpresa a descoberta dos direitos. Os grupos produziram fanzines explicando o que era o estatuto e seu conteúdo e distribuíram nas escolas e comunidade. Nos encontros, foram produzidos desenhos e colagens, além de mobilização nas escolas para a divulgação dos fanzines.

Acesso a serviços e políticas

Ao discutir os direitos, os adolescentes são estimulados a se incomodarem com a violação de seus direitos fundamentais. Embora não possamos promover o acesso mais amplo a serviços e políticas públicas para a infância, podemos estimular os adolescentes a participarem das decisões da escola, formando, por exemplo, grêmios estudantis, que utilizarão a educomunicação como estratégia para mobilização e participação.

Direitos e escola A consciência com relação aos seus direitos e obrigações foi também trabalhada no universo do espaço escolar, no intuito de gerar conhecimento sobre as dificuldades e as potencialidades dessa instituição pública, que deve ser cuidada por eles como um espaço seu e que também deve oferecer serviços de melhor qualidade. O debate surgiu em oficinas ampliadas onde os adolescentes debateram as questões inerentes a este espaço, assumindo que ele também lhes pertence. A reflexão sobre a escola não gira só em torno do que é negativo e positivo, mas como cada um pode contribuir para que a escola seja melhor. Um dos mais importantes debates que surgiram durante a oficina foi a necessidade da construção de um refeitório na escola para todos os alunos que têm aulas durante um turno e estágio de complementação da formação no contra-turno. Para entender quais eram os empecilhos para que a escola passasse a servir refeições e para confirmar a relevância do tema para a comunidade escolar, os jovens gravaram um pequeno vídeo, na hora do intervalo, onde alunos, professores e funcionários falam sobre a importância de uma alimentação de qualidade, assim como a necessidade e dificuldade que enfrentam diariamente na hora da alimentação na escola. Todo esse debate contribuiu para o fortalecimento dessa luta, fazendo com que a direção tenha mais um instrumento para reivindicar esse direito, que não está sendo atendido pelo Estado. Outros temas importantes foram a relação entre professores e alunos; a mídia e suas manipulações; o uso do uniforme; a má conservação dos banheiros etc.

Direito à Comunicação Foram trabalhados e construídos coletivamente conceitos de comunicação. Discutiu-se também a comunicação como direito humano que proporciona vez e voz e que dá acesso ao conhecimento de outros direitos. Foram produzidos fanzines para apresentar os conceitos de comunicação elaborados pelos grupos: direito à comunicação, democratização da comunicação e comunicação para o desenvolvimento.

Direito à Educação Os meninos e meninas elaboraram uma pesquisa na escola sobre o que era educação de qualidade. O resultado da pesquisa culminou na elaboração de duas peças de comunicação: fanzine e fotoclipe. Na Escola, o grupo produziu um programa de rádio sobre educação com entrevistas com os professores sobre o que era ser professor e os desafios da educação básica. Para a gravação das entrevistas, foram utilizados celulares e *mp3 players*. Já a edição foi feita com a utilização do *software* livre Audacity.

Sexualidade enquanto direito humano Foram realizadas oficinas sobre sexualidade enquanto direito humano. Foram abordados os seguintes conteúdos: gênero, família, dúvidas sobre sexualidade, prevenção à gravidez precoce, direitos sexuais. Os adolescentes demonstraram grande interesse pelo tema e pelas oficinas e usaram métodos como: elaboração de cartazes, jornal-mural, álbuns de família, debate de filmes e gincanas.

Violência na escola Foi realizada uma *Campanha de Prevenção à Violência nas escolas* com o objetivo disseminar o *Capítulo II do Estatuto da Criança e do Adolescente – Do direito ao respeito, à liberdade e à dignidade*. Com esse mote, a campanha realizou uma série de oficinas para 600 crianças de 6 a 12 anos e 600 adolescentes de 13 a 16 anos. A metodologia aplicada buscou, através do lúdico, da expressão artística, das dinâmicas corporais e da "pedagogia do cafuné" identificar o imaginário das crianças e adolescentes acerca da "escola real" e da "escola ideal". Na sequência, foram desenvolvidas oficinas introdutórias ao Estatuto da Criança e do Adolescente, além de propostas que promoveram a reflexão das crianças e dos adolescentes acerca da sua contribuição para melhoria do ambiente escolar.

Identidade Este tema incluiu três fases de discussão: eu, minha escola e minha comunidade. Na primeira fase, foi trabalhada a história do nome, a relação com a família/responsáveis, características pessoais, sonhos e desejos. Na fase da "minha escola", questões relacionadas à participação no espaço escolar, relação professor-aluno, qualidade da educação e o que é ser estudante foram abordadas nas oficinas. A terceira fase extrapolou os muros da escola e os meninos e meninas trataram da sua relação com o bairro. Durante os encontros, foram produzidos textos, mandalas, fotografias, vídeos por celular que culminaram no processo de produção de fotoclipes editados no programa *Windows Movie Maker* e *PhotoStage*.

Raça e Etnia Um dos grupos demonstrou interesse em conhecer mais sobre o movimento *Hip Hop*, identidade negra e ações afirmativas. Foi realizado um debate em toda escola e os membros do projeto participaram de oficinas de RAP. Como fruto do processo, foram produzidos o fotoclipe *Identidade Brasileira* (www.youtube.com/user/Educomunicacao1) e um RAP sobre os direitos das crianças e adolescentes. O grupo construiu um RAP que foi gravado em *mp3 player* e editado como *Audacity*. Confira o RAP produzido durante a oficina sobre identidade negra e ações afirmativas.

Direito a ter Identidade

*“Sem documento a gente não é nada
Identidade lembra muitas paradas
Quero direito a ter identidade
Direito à educação de qualidade
Direitos iguais a ser diferente
Direito a ter amor, a cuidar da gente
A ser respeitado e a brincar
A participar da aula e a estudar
Direito a receber informação
Dever a cumprir para todo cidadão”*



III. Capacitação e produção:

O Percurso formativo

Já mobilizados e orientados pelas discussões de temas geradores, professores e alunos foram capacitados, através de oficinas e encontros, para utilizar a metodologia da educomunicação em seu cotidiano e estimulados a compor um grupo de adolescentes comunicadores em sua escola.

Nesta fase, o principal objetivo foi elaborar um projeto comunicativo, bem como integrar e coordenar as ações referentes à sua implementação, que pressupõem a realização sistemática de um Produto de Comunicação. Os conteúdos da peça comunicacional são criados em meio à dinâmica das discussões feitas na etapa anterior. O processo de produção gera materiais audiovisuais, programas de rádio, sites e materiais impressos, que se constituem em material educativo de qualidade para o trabalho com disciplinas variadas, além de provocarem ações de mobilização que podem envolver toda comunidade escolar.

A elaboração de mídias escolares deve articular-se com o ensino dos conteúdos curriculares formais, do projeto pedagógico da escola e exige uma ampla parceria entre educadores e educandos, que se tornam produtores de conhecimento. O aluno assume o papel de sujeito da própria aprendizagem e torna-se co-responsável pelo desenvolvimento do Projeto Educativo. Já o professor desempenha a função de facilitador/mediador de todo o processo, também crescendo junto com ele.

A atividade pedagógica cotidiana ganha sentido, uma vez que recebe a missão de gerar um produto com grande poder de mobilização, cujo objetivo social é definido por seus próprios autores. As aulas deixam de ser uma mera transmissão

de conhecimento, constituindo-se em situações de troca e construção coletiva. O porquê e para que aprender se tornam cada vez mais nítidos, à medida que o grupo compreende o que, para que e para quem se está produzindo.

Como o projeto da educomunicação visa contribuir com um objetivo maior: a melhoria da qualidade da educação básica, por meio do uso educativo e estratégico da comunicação, o percurso formativo acontece em três esferas: professores, crianças, adolescentes e familiares/responsáveis e é formado pelos seguintes elementos:

Desconstrução leitura crítica de mídia através da análise dos formatos, conteúdos, linguagens, materiais utilizados e público;

Planejamento elaboração do planejamento de mídia, definição de equipes de trabalho, articulação com a comunidade escolar;

Produção momento de experimentação, produção textual e oficinas técnicas

Disseminação culminância do processo, mostras interativas, apresentação da produção à comunidade;

Avaliação retomada das etapas, avaliação de todo o processo.

O uso da comunicação pode ocorrer de forma transversal a todas as disciplinas, estimulando a apropriação, por parte dos estudantes, de ferramentas de comunicação, como *fanzines*, jornal-mural, rádio, vídeo, fotografia, painéis, *websites*, *blogs* etc. Associadas ao processo de produção de peças de comunicação, podem ser desenvolvidas atividades de estímulo à leitura crítica da mídia a partir do uso de jornais impressos, programas de TV e de rádio, revistas etc.

Confecção de produtos educacionais como peças fundamentais que proporcionam:

- “pretexto” para aprofundar a formação nos temas geradores;
- aprendizados sobre como fazer produtos de comunicação que funcionam como elemento de mobilização social e contribuem para o processo de aprendizado.

É importante marcar que os produtos educacionais podem ser:

- impressos, como jornais, cartazes, panfletos, *fanzines*;
- virtuais, como blogs, sites, redes sociais na internet;
- audiovisuais como rádio, fotografia, vídeos, fotoclipes.

Ações como enquetes e entrevistas também são ótimos recursos para que os participantes possam conhecer e aprofundar seus saberes sobre um determinado assunto. Também se pode optar por trabalhar com ações de comunicação a partir de um produto específico (revista, vídeo, rádio etc).

Capacitação de professores

A estratégia de capacitar professores na utilização de tecnologias de comunicação tem o objetivo de sensibilizá-los para o seu uso no espaço escolar, como forma de aprimorar a prática educativa e experimentar inovações no processo de ensino e aprendizagem.

Os docentes podem participar de oficinas de sensibilização a fim de que incorporem a metodologia da Educação pela Comunicação em sala de aula. Os conteúdos trabalhados nestas oficinas podem incluir: leitura crítica da mídia, utilização pedagógica das novas tecnologias e produção de peças de comunicação, através de oficinas de jornal, fanzine, rádio, fotoclipe, blog, vídeos e fotos.

Além desses conteúdos, é preciso trabalhar o desafio da transposição didática, o diálogo com o currículo e a peça de comunicação como canal para escoar a produção de sala de aula.

Nas ações realizadas com os professores, o projeto buscou abordar as noções básicas e a importância da educomunicação na escola. Houve momentos em que se discutiu com os professores as diferenças entre a “escola real” e a “escola ideal”, com a criação de estratégias para melhoria do ambiente escolar. Essas ações serviram de diagnóstico para que a equipe pudesse avaliar melhor a dificuldade dos professores em participar.

É fundamental ter o foco do trabalho no professor e em sua formação para a efetiva inclusão da educomunicação como metodologia dentro da escola. Sem a sensibilização constante da formação dos professores, os estudantes se sentem sozinhos no processo e não encontram eco às suas vozes e ações dentro de sala de aula, nem conseguem articular ações que envolvam toda a comunidade escolar.

Elementos-chave da capacitação de professores:

- Criar junto ao projeto político-pedagógico da escola espaços e tempos para a formação dos professores no campo da educomunicação;
- Realizar projetos dos professores com apoio da equipe técnica de educomunicação;
- Entender a dinâmica da escola e tentar articular a proposta de educomunicação com essa dinâmica;
- Desenvolver material pedagógico que demonstre como a educomunicação pode contribuir para o aprendizado das disciplinas da escola regular;
- Evitar o conflito e a concorrência entre as atividades de educomunicação e o conteúdo previsto na grade curricular. Se a capacitação e o material pedagógico para professores não se tornar um empecilho para o desenvolvimento das atividades escolares obrigatórias, é possível haver maior interesse por parte dos professores.

Acho que esse projeto vai me ajudar muito em sala de aula, pois nos prepara para sermos professores do futuro. E a tecnologia a que temos acesso hoje vai nos ajudar muito para proporcionar a melhor educação aos nossos futuros alunos.

Letícia Silva Martins, aluna

acreditamos que é apenas possível estimulá-lo a multiplicar a metodologia e as informações produzidas no projeto em função de seu interesse pelos temas desenvolvidos e técnicas trabalhadas;

- Se consideramos o educador como um comunicador crítico envolvido no contexto escolar mais amplo, é preciso estimular a circulação dos produtos da oficina dentro da comunidade escolar e uma participação ativa dos educandos na vida da escola;

- Propor um planejamento para a continuidade de ações em educação depois do fim do projeto (autonomia);

- Há sempre um esforço para envolver as famílias na vida escolar das crianças e adolescentes e mantê-las informadas das atividades do projeto, por meio de reuniões, conversas telefônicas e comunicados impressos. Acredita-se que desenvolver nas famílias o sentido e a importância da “participação na vida escolar dos filhos” seja um dos maiores desafios dos projetos realizados em escolas.

IV. Avaliação e monitoramento

Foi muito importante desenvolver para cada um dos processos descritos anteriormente mecanismos para monitorar e avaliar o que foi feito. Mais importante ainda foi envolver os participantes de cada atividade no monitoramento e avaliação do projeto em suas várias fases.

O plano de ação anual do projeto foi construído de forma colaborativa por todos os membros das equipes técnicas das ONGs locais. Esse plano continha ações que foram realizadas durante o período de implementação do projeto e o cronograma de execução das mesmas. Periodicamente, foram realizados também encontros de planejamento das atividades de formação dos educandos. Participaram desses momentos as equipes de educadores e a coordenação pedagógica. Esses encontros enriqueceram pedagogicamente o processo por meio de uma troca intensa de experiências entre os educadores. Todas as ações foram planejadas levando em consideração o contexto de cada unidade escolar bem como o perfil do grupo.

O projeto também foi avaliado e acompanhado pedagogicamente durante os dois anos pelos adolescentes, diretores, professores e coordenadores pedagógicos e em diferentes momentos com as secretarias de educação para avaliar e rever estratégias, agendas etc. Foram realizadas reuniões periódicas de acompanhamento pedagógico e planejamento dos educadores durante as visitas periódicas às escolas. Este acompanhamento foi feito de forma participativa e compartilhada entre professores, diretores e coordenadores pedagógicos das escolas. À medida que os resultados das avaliações são

oferecidos e compartilhados, tanto o projeto quanto a escola ajustaram seus planos de trabalho e abordagens para que os alunos pudessem superar as dificuldades apontadas.

No final de cada período, os alunos avaliaram de diferentes formas questões referentes a diversos pontos: avanços pessoais, dificuldades, avanços coletivos, atuação dos educadores, aprendizados e questões a serem revistas/propostas. Os resultados dessas avaliações foram socializados em rodas de conversa com os adolescentes e em reuniões com os adultos da escola, trazendo uma série de pistas para a qualificação do trabalho realizado. Muitas das questões abordadas nesta publicação se pautaram em depoimentos escritos e falas trazidas no momento da avaliação.

As avaliações levaram em conta tanto o conhecimento técnico que os adolescentes foram adquirindo em termos de comunicação, como o desenvolvimento de habilidades como responsabilidade, autonomia, cooperação, entre outros. Além do desenvolvimento pessoal de cada um, a relação dos adolescentes que participaram da formação em educomunicação com a comunidade avançou significativamente ao logo dos dois anos. Além de criarem uma relação de pertencimento com o território, mobilizaram a escola e a comunidade em torno das problemáticas locais. Inúmeras vezes foi possível presenciar trocas entre todos esses agentes.

Ao final de cada processo de criação de um produto, era feito um bate papo para que o grupo pudesse avaliar sua participação e o que poderia ser modificado. Durante todo o percurso foram feitas revisões em conjunto com os adolescentes, o que garantiu que eles tivessem clareza de todo o processo e pudessem colocar em prática o conhecimento adquirido, e resgatar tudo o que foi trabalhado nos dois anos de projeto. A produção de material de monitoramento e avaliação do Projeto foi feita também pelos adolescentes.

Pela natureza das ações, os produtos criados ao longo da formação são também registros, feitos pelos alunos, sobre o processo de aprendizado. As atividades incluem registros fotográficos, em vídeo e por escrito, elaborados pelos alunos e pelos educadores. Parte do registro das oficinas e dos eventos foi publicada no site do projeto, além de fotos, textos e vídeos (www.educomunicadores.org).

Em algumas escolas, foram realizadas reuniões de avaliação com as famílias dos adolescentes em que eles entrevistavam os próprios pais, o que levou os pais a se envolverem no projeto e entenderem seu papel na construção de um núcleo de comunicação comunitária. As entrevistas se revelaram como o recurso mais rico para identificar e pontuar as mudanças reais estimuladas pelo projeto, refletindo bastante como o projeto trabalhou esta dimensão mais interna do sujeito, garantindo que cada participante tivesse clareza sobre o tipo de projeto do qual estava participando, o “porquê” e “como” se comunicar.

Como envolver a comunidade escolar no monitoramento e avaliação?

É importante que sejam realizadas reuniões pedagógicas para que os educadores:

- Se atualizem sobre a situação atual nas comunidade;
- Pensem juntos no planejamento a curto, médio e longo prazo. É importante que se crie e compartilhe um documento com o planejamento a longo prazo que sirva como referência, pois isso pode ir se perdendo conforme as demandas mais imediatas surgem;
- Avaliem o processo. Independente da avaliação na ponta (com os adolescentes), é importante que coordenação e educadores avaliem seu trabalho e possam sempre repactuar: papéis, responsabilidades, o que está ou não funcionando, quais são as estratégias para trabalhar as demandas a longo prazo.

Outras recomendações seriam a realização de:

- Relatórios diários feito pelos educadores após todas as oficinas com os seguintes indicadores: resultados do dia em relação aos objetivos, pontos positivos, desafios, destaque dos educandos no dia, encaminhamentos para a próxima oficina;
- Lista de presença diária com relatórios de frequência bimestral;
- Reuniões periódicas de avaliação e planejamento de oficinas com participação de toda a equipe técnica do projeto, para o planejamento geral dos objetivos e oficinas e reuniões bimestrais de avaliação do projeto com a presença de representantes dos adolescentes, familiares, direção e coordenação da escola. Os estudantes podem eleger democraticamente quem serão seus representantes;
- Ao fim de cada fase ou produto concluído no projeto, é importante a realização de uma oficina para avaliar as últimas atividades e planejar a próxima fase. As oficinas de avaliação podem ser realizadas com metodologias variadas: produção de cartazes, gravação em vídeo, entrevistas entre os participantes, dinâmicas de grupo, criação e leitura de linha do tempo do projeto etc;
- Por se tratar de um programa realizado em parceria com organizações localizadas em lugares diferentes, a coordenação do projeto produziu diversos instrumentos de monitoramento e avaliação: relatórios parciais e um final, boletins especiais, um site contendo toda a produção dos educandos e educadores e esta publicação sistematizando todo o projeto.

O blog de acompanhamento pedagógico: Desde o início do projeto *Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!*, foi mantido um blog/

site (www.educomunicadores.org) de acompanhamento pedagógico para educadores e para a coordenação. Recomenda-se o uso dos blogs do *wordpress* (www.wordpress.com), pois além de ser um *software* livre e gratuito, possui ferramentas de organização, como a possibilidade de criar páginas (onde pode-se colocar informações mais permanentes como o texto do projeto inicial), categorias, além de outros recursos, que facilitam a gestão desse espaço virtual. Um *post* pode ter mais de uma categoria veiculada. É possível também inserir uma ferramenta de busca dentro do blog. É importante que a cada dois meses se faça um *backup* de todo blog. No *wordpress* também há um recurso específico para isso. Ou seja, não é necessário copiar cada entrada e depois colá-la em outro documento.

V. Articulação e parcerias

Para dar início às atividades em âmbito municipal, em escolas vinculadas aos governos locais, o projeto buscou implementar atividades de educação que pudessem ser complementares às políticas educacionais da rede pública, em alguns casos por meio de capacitação de professores e outras ações de valor agregado. Esse histórico foi importante para uma fase de articulação da ONG local com as Secretarias de Educação.

A primeira ação em relação à parceria com as Secretarias foi identificar os projetos e as políticas educacionais desenvolvidas no município, e quais delas poderiam se articular com a proposta de educação do projeto. Nesse sentido, foi muito importante o processo de aproximação da equipe do programa para que fosse possível apresentar o projeto e também conhecer o funcionamento da política.

Em seguida, as equipes técnicas de implementação participaram de momentos, como a definição das escolas e o início das oficinas. Por tratar-se de um projeto em uma escola pública, há processos que precisam ser encaminhados via gestores públicos, como a solicitação de equipamentos, formação de professores, etc. Assim, sempre foi importante a presença das Secretarias de Educação em diversos momentos, etapas e ações, de forma participativa e pactuada com as escolas, num processo de transparência.

O envolvimento das Secretarias de Educação foi fundamental também no sentido de garantir uma participação efetiva de apresentação do programa durante o planejamento anual das escolas. Acredita-se que o resultado foi muito mais significativo onde o mesmo foi compartilhado e articulado desde o início do ano letivo. Esta articulação permitiu uma ação forte de incidência política, pois somente através de políticas públicas poderemos assegurar um espaço de formação de professores e utilização da metodologia da educação pelas redes públicas de ensino.

Porém, a relação com o poder público pode acontecer de maneira bastante complexa. Alguns fatores podem dificultar significativamente o andamento do projeto como a diferença de tempo, concepção e práticas entre as secretarias de educação, precariedade da infraestrutura de algumas escolas, rotatividade de interlocutores nas secretarias, dentre outros. Além dessas variáveis percebeu-se que na maioria das vezes esses fatores acabaram impactando em uma pequena participação dos professores por conta de sobrecarga de demandas, da não liberação de horários para formação e, em alguns casos, da falta de coordenação pedagógica para orientar a docência sobre a dificuldade de aproximação com as novas tecnologias.

Para superar os desafios acima buscou-se, além de um constante diálogo e negociação com as secretarias, convocando-as a participarem mais de perto do projeto, apoiar os gestores e professores em sua interlocução para a defesa das reivindicações que afetavam diretamente o programa, como a falta de infraestrutura de algumas escolas, por exemplo.

Apesar das dificuldades, o desenvolvimento da iniciativa mostrou que a ampliação do uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) deve ser prioridade para o sistema público de ensino atual. Com este objetivo, as organizações parceiras locais do projeto atuaram junto a escolas da rede pública no sentido de evidenciar esta demanda e abrir novos caminhos de diálogo com o poder público, rumo a políticas que beneficiem a qualidade da educação.

Os participantes do projeto foram unânimes ao defender a relevância desse trabalho – não apenas para os alunos e a escola envolvidos, mas como uma inovação fundamental para a educação pública como um todo. Assim, eles se tornaram agentes compromissados com a mudança e capazes de mobilizar essa demanda junto às instituições responsáveis.

Por último, o envolvimento dos gestores escolares foi importante para que a experiência desse certo, pois legitimou o programa junto à comunidade escolar, intregrando-o junto à rotina escolar. Na equipe de gestão, também tem um papel fundamental o coordenador pedagógico, que apoia e articula o planejamento dos professores em diversas disciplinas e facilita a integração da metodologia no currículo escolar. Mas é o professor quem deflagra o processo e o coloca em movimento. Os conhecimentos e experiências do professor asseguraram a realização das ações e produtos e o gerenciamento dos desafios que surgiram. Já os alunos foram a essência de todo um processo de educação informal em um espaço de ensino formal.

* * * * *